

Economia brasileira e bolsas internacionais

ATÉ QUE PONTO A ECONOMIA REAL PODE SER AFETADA PELA ECONOMIA "VIRTUAL"?

ANTÔNIO C. DE LACERDA

As grandes transformações em curso na economia mundial – que incluem a globalização da economia, o acirramento da competitividade e as inovações tecnológicas – têm questionado os instrumentos tradicionais de análise econômica. A incerteza surge com maior intensidade, especialmente quando se leva em conta não somente o que é mensurável no novo paradigma, mas também e principalmente o fator da intangibilidade presente nessa nova fase da acumulação capitalista.

As oscilações que estão ocorrendo na Bolsa de Nova York, com reflexos nas bolsas das demais economias, têm gerado uma série de especulações e expectativas sobre seus efeitos, inclusive para a economia brasileira. Isso ocorreu em um momento em que a percepção dos agentes econômicos quanto à evolução do quadro interno do Brasil era cada vez melhor.

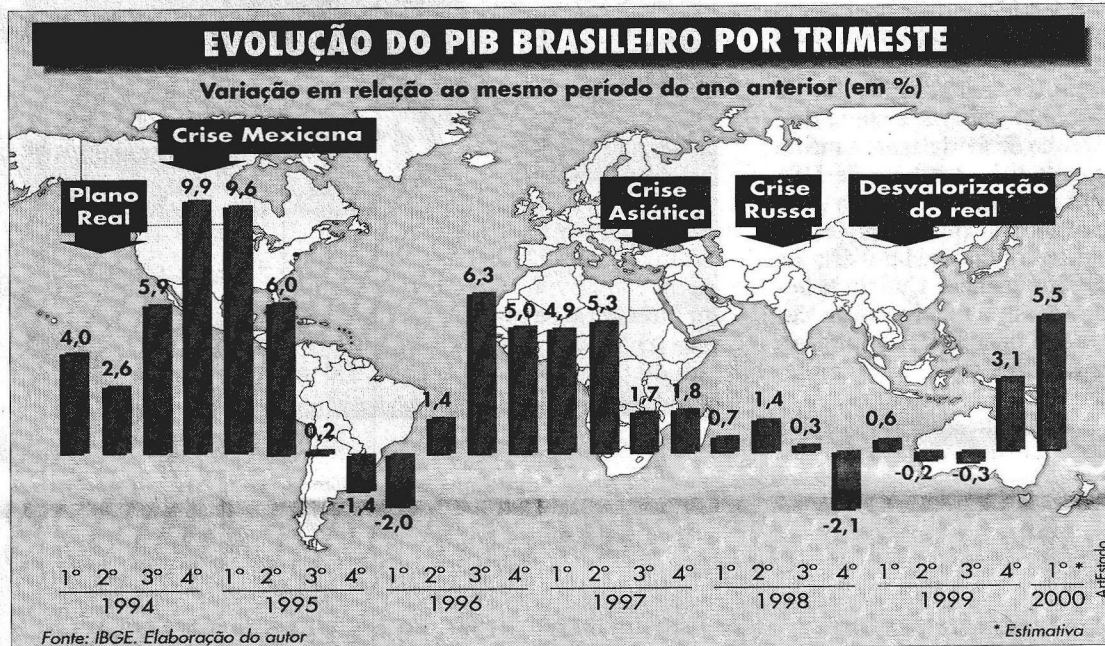
Particularmente no caso da bolsa norte-americana, ela vem refletindo uma excepcional situação econômica, que combina uma forte expansão da atividade (crescimento médio de 4,2% nos últimos anos), um baixíssimo desemprego (o menor dos últimos 30 anos) e crescimento da produtividade também acentuado. Essa conjugação, impulsionada pelas inovações tecnológicas, ou a chamada "nova economia", tem propiciado uma supervalorização das ações cotadas em bolsa, em especial daquelas empresas ligadas à tecnologia da informação (IT), e as que estão utilizando a Internet como ferramenta de ampliação de negócios, por meio do e-commerce (B2C) e do e-business (B2B).

A excessiva valorização das ações dessas empresas tem sido por diversas vezes questionada

Reformas estruturais e exportações ajudam a reduzir a vulnerabilidade

por observadores da economia internacional, à medida que não encontra contrapartida na economia real. Aliás, muitas dessas empresas, pelo contrário, apresentam elevados prejuízos no curto prazo.

Com a globalização da economia, toda turbulência nos mercados locais tende a contaminar as demais economias. Embora seja interessante observar que, no caso da economia brasileira, não ocorre essa valorização excessiva na bolsa. Pelo contrário, o valor em dólares das empresas ainda tem muito espaço para crescer. Mas é impossível isolar nosso mercado dos demais, menos ainda do maior mercado, representado pela Bolsa de Nova York. Além disso, os aspectos da macroeconomia também têm influência nesse jogo. E, tendo em vista a necessidade de financiamento externo ainda elevada da economia brasileira, qualquer mudança no quadro externo tende a dificultar a administração da economia interna, como a taxa de juros e o câmbio, principalmente.



O Brasil precisará este ano de US\$ 50 bilhões a US\$ 55 bilhões para fechar seu déficit em conta corrente do balanço de pagamentos e financiar vencimentos da dívida externa. Parte desses recursos, cerca da metade, deverá ingressar na forma de investimentos diretos estrangeiros (basicamente novas instalações e aquisições de empresas). A outra parcela deverá ser complementada com ingressos no mercado financeiro e de capitais, novos empréstimos e captações no mercado externo por parte de empresas brasileiras. Uma mudança do cenário internacional que venha a provocar redução do ritmo de crescimento da economia norte-americana vai afetar a economia internacional, pelo peso que representa. O Brasil tem sido bastante influenciado pelo cenário externo. O gráfico acima ilustra como o desempenho em nosso nível de atividades é sensível às oscilações que ocorreram nos últimos anos.

O caminho para tornarmos menos vulneráveis à volatilidade dos mercados é avançar nas reformas estruturais (especialmente nas áreas fiscal-tributária, previdenciária e administrativo-burocrática) e instituir políticas públi-

cas de incentivo à exportação e incremento da produção local. É preciso encarar a globalização e a "nova economia" não somente como ameaça, mas como oportunidade. Algo que não vai ocorrer aleatoriamente, mas um processo que vai favorecer aqueles países que exercerem um papel ativo na nova configuração das relações de poder.

É preciso diminuir a nossa vulnerabilidade externa e melhorar nossa capacidade competitiva para alcançar maior presença no mercado mundial. Se isso não garante que estaremos imunes às turbulências, pelo menos abriremos mais espaço para sustentar o crescimento da atividade econômica. O exemplo de vários países em desenvolvimento mostra que é possível fazê-lo, apesar das oscilações no mercado externo.

■ Antônio Corrêa de Lacerda é professor da PUC-SP, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais (Sobeet) e autor de "O Impacto da Globalização na Economia Brasileira" (Contexto) e-mail: lacerda@cofecon.org.br

■ Dionísio Dias Carneiro, excepcionalmente, não escreve seu artigo hoje